

Editorial

“Não oblitero moscas com palavras.
Uma espécie de canto me ocasiona.
Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu de gramáticas.
Só sei o nada aumentado.
Eu sou culpado de mim.
Vou nunca mais ter nascido em agosto.
No chão de minha voz tem um outono.
Sobre meu rosto vem dormir a noite.”
Manoel de Barros¹

No último dia 13 de novembro a noite eterna veio dormir sobre o rosto do poeta Manoel de Barros. Ourives dos signos, criou novas palavras e compôs inspirados poemas, deixando-nos o legado de um olhar mais sensível sobre o homem, a natureza e o mundo.

Nesta perspectiva, lembramos que 2014 está chegando ao fim e junto com ele nos vêm várias reflexões sobre o ano que passou. Foi um período de muita movimentação, em que tivemos a Copa do Mundo e as eleições. Na Psicologia tivemos, em São Paulo, o IV Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão. Mais especificamente vinculados à Psicologia Escolar e Educacional, houve quatro eventos estaduais: o V Encontro Paranaense de Psicologia Escolar e Educacional, em Foz do Iguaçu – PR; o II Encontro Paulista, em Bauru – SP; o IV Encontro Mineiro de Psicologia Escolar e Educacional, em Uberlândia – MG, e o II Encontro Goiano de Psicologia Escolar e Educacional, em Goiânia – GO.

Muitos foram os debates travados em prol de uma educação para todos e reflexões foram desenvolvidas em torno da relação entre Psicologia e Educação. Os temas “Fracasso escolar” e “Processos de avaliação” foram contemplados em vários trabalhos, denotando o avanço que está ocorrendo na compreensão das multideterminações que permeiam o ensinar e o aprender.

Em meio a esta efervescência de ideias, recebemos, recentemente, informação sobre a decisão - anunciada em março de 2014 no Fórum Internacional de Políticas Públicas “Educar para as Competências do Século 21”, organizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Ministério da Educação – quanto à avaliação em larga escala de crianças e jovens sobre habilidades não cognitivas e socioemocionais. Entendemos que apoiar um programa de medição de competências socioemocionais e não cognitivas vai contra as críticas que a área de Psicologia Escolar e Educacional vem tecendo quanto ao papel psicometrista que o psicólogo, historicamente, assumiu na escola. Uma avaliação que não considera as condições histórico-sociais que produzem o fracasso escolar pode reforçar uma visão ideológica de que as crianças filhas da classe trabalhadora são menos competentes ou que possuem um déficit cognitivo. Isso pode significar a volta de explicações pseudocientíficas, como a teoria da carência cultural, além da compreensão equivocada a respeito das habilidades “não cognitivas”, como se as funções psíquicas fossem cindidas dessa maneira!

É notório que, em uma sociedade na qual convivem classes antagônicas, nem todos têm acesso ao conhecimento, por isso muitas crianças estão sendo prejudicadas no seu desenvolvimento cognitivo. Testar a capacidade intelectual dos alunos sem analisar o contexto em que vivem e as contradições e mazelas que permeiam a prática pedagógica pode levar a referendar ideias que considerávamos já superadas - ou melhor, que deveriam estar superadas -, as quais colocam no indivíduo, seja este o aluno, o professor ou os pais, a culpa pelo não aprender ...

1 Barros, M. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

Dias difíceis são estes para a ciência... Inúmeras produções, como as que veremos neste número da Revista, têm demonstrado que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio das interações estabelecidas e da apropriação da cultura, e não será, certamente, um instrumento de medida que contribuirá para que a escola cumpra sua função de ensinar. Não podemos retornar para explicações simplistas, biologizantes, medicalizantes, centradas na dimensão individual do aluno. Nossa Revista é plural e nela circulam pesquisas com várias perspectivas teóricas, mas não podemos nos calar diante da possibilidade de, mais uma vez, culpar as crianças ou as famílias pelo seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Desculpem o desabafo, mas tínhamos que nos posicionar...

Vamos ao que temos neste número. No bojo da discussão supracitada, dois artigos referem-se à medicalização: um discorre sobre análise documental do processo de construção do conceito de TDA/H em suas diferentes concepções teóricas, e o outro, sobre medicalização intensiva da existência, especialmente quando esta se dá pelo silenciamento da resistência. O relato de práticas também se refere a essa discussão, ao apresentar um estágio em Psicologia Escolar e Educacional que procura romper com a medicalização da Educação. A queixa escolar comparece em uma revisão da produção científica nacional sobre o tema e em um artigo que aborda proposições metodológicas na intervenção com estudantes. Temos um artigo sobre autoeficácia e desempenho escolar de crianças estudantes do Ensino Fundamental e dois sobre autorregulação da aprendizagem, um dos quais se refere também à formação de professores. Ainda neste campo, o leitor encontrará um texto que trata da formação docente no âmbito da abordagem multirreferencial e da aprendizagem da docência em atividade de ensino no Clube de Matemática de uma universidade e um artigo sobre indicadores de estresse e estratégias de enfrentamento em professores de ensino multisseriado.

Temos um estudo teórico sobre as novas tecnologias da informação e da comunicação e seu impacto no campo da Psicologia da Educação e estudos experimentais: em um deles, os autores replicaram o experimento de Vigotski sobre a formação de conceitos; no outro, a partir do jogo Dominó das Quatro Cores foram investigadas as diferentes formas de resolução propostas por crianças em um contexto de oficinas de jogos. Dois artigos abordam o contexto familiar: um deles apresenta a constituição da identidade infantil considerando as significações de mães por meio de narrativas, e o outro traz o envolvimento parental na tarefa escolar, destacando sentimentos e percepções dos pais em relação ao envolvimento na tarefa escolar dos filhos. O atual tema da violência na escola aparece em uma pesquisa-intervenção desenvolvida em escolas públicas em que se buscou compreender as práticas violentas de modo ampliado. A avaliação do desempenho escolar de crianças contaminadas por chumbo que moram em áreas contaminadas foi objeto de estudo de um dos artigos. Finalizando, temos uma entrevista com Carl Ratner, psicólogo social estadunidense que trabalha com a Psicologia Macro cultural a partir dos estudos de Vigotski.

Desejamos uma boa leitura! Que o olhar sensível de Manoel de Barros sobre as pequenas coisas nos inspire a ver de modo renovado o mundo e os sujeitos que nele se constituem e são constituídos.

Boa leitura!

Silvia Maria Cintra da Silva – Editora

Marilda Gonçalves Dias Facci – Editora Assistente